

MATURIDADE E O DESVÍNCULO SOCIAL**MATURITY AND DISENTAIL SOCIAL**

RODRIGO ROBSON LOLATTO. Acadêmico do Curso de Graduação em Psicologia da Faculdade Ingá – UNINGÁ.

PATRICIA MARIA DE LIMA FREITAS. Mestre em Psicologia pela UFSC-SC, Docente do curso de Psicologia da Faculdade-Ingá – UNINGÁ.

Endereço para Correspondência: Rodrigo Robson Lolatto. Rua Tietê, 130, Jardim Universitário, CEP 87020-210, Maringá, Paraná, Brasil, rodrigorobsonmt@hotmail.com

RESUMO

A maturidade é a fase do desenvolvimento humano que o indivíduo vivencia grandes transformações tanto no âmbito pessoal quanto social. É um período que corresponde entre os vinte aos cinquenta anos de idade, repleto de responsabilidades e exigências em relação à sociedade e a si mesmo. Quando não vivenciado de maneira saudável às responsabilidades adquiridas decorrentes da maturidade pode gerar graves conflitos ao indivíduo. Entre eles, está o desvinculo do indivíduo com os laços sociais, o que pode levá-lo a refugiar-se nas ruas. Para entender melhor como ocorre essa relação, foi realizado na cidade de Maringá-PR quatro observações de um morador de rua como prática da disciplina de Psicologia do Desenvolvimento II do curso de Psicologia da Faculdade Uningá. O presente estudo teve por objetivo propor uma análise da problemática vivenciada por um morador de rua associada à fase do desenvolvimento - maturidade. A metodologia utilizada para a elaboração deste estudo correspondeu ao método de observação sistemática, devidamente registrado num “protocolo de observação” e uma breve revisão bibliográfica. Desta forma, pode-se concluir que a maturidade quando não vivenciada de maneira adequada pode ocasionar impactos na vida do ser humano.

PALAVRAS-CHAVES: Maturidade, Morador de Rua, Desvínculo Social.

ABSTRACT

The maturity is the phase in the human development in which the individual experiences great transformations both in the personal and in the social ambit. It is a period that corresponds to the time between the twenty and the fifty years of age, replete with responsibilities and requirements regarding the society and the own self. When it isn't lived in a healthy manner as for the responsibilities acquired arisen from the maturity, that can lead to serious conflicts to the individual. Among these, there is the detachment of the individual from social bonds, what can take it to refuge itself in the streets. To understand better how this relation occurs, it was performed in the city of Maringá-PR four outlooks of a homeless person as a practice of

the discipline of Psychology of Development II of the course of Psychology of the Uningá College. The present study had for objective to consider an analysis of the problem lived by a homeless person associated with the phase of the development - maturity. The methodology used for the elaboration of this study corresponded to the method of systematic observation, properly registered in an "observation protocol" and a brief bibliographical revision. Therefore, it can be concluded that the maturity when not lived in adequate way can cause impacts in the life of the human being.

KEYWORDS: Maturity, Homeless, Social Detachment.

INTRODUÇÃO

O presente estudo foi realizado em um determinado morador de rua da cidade de Maringá-PR como prática da disciplina de Psicologia do Desenvolvimento II do curso de Psicologia da Faculdade Ingá - UNINGÁ. A prática foi pautada no método de observação sistemática, onde foram realizadas quatro observações em um morador de rua da cidade. Através do referencial teórico estudado sobre o desenvolvimento humano - a maturidade-, busca-se compreender como essa fase pode estar relacionada com a temática do morador de rua. Assim, o presente estudo, tem por objetivo propor uma análise da problemática vivenciada por um morador de rua e, procurar através disto, entender como ela pode estar associada com a maturidade.

Para entender melhor como ocorre esse processo, tomemos como ponto partida os trabalhos desenvolvidos por D'Andrea (2006) sobre a maturidade. Para ele, a maturidade é um longo período que vai aproximadamente dos vinte aos cinquenta anos. Pode ser dividida em duas etapas: Adulto Jovem e Meia-Idade. Aqui, em especial, daremos ênfase à primeira etapa, o adulto jovem, que corresponde dos 20 aos 35 anos de idade.

Para o autor, o jovem adulto deve enfrentar através de um mais amadurecido relacionamento interpessoal, três grandes responsabilidades em relação à sociedade e a si mesmo: o ajustamento profissional, o casamento/ajustamento sexual e a paternidade.

Passemos agora a discutir e a entender cada uma dessas responsabilidades apontadas pelo autor.

Assim, para o autor, a profissão representa um dos caminhos de orientação vital e de definição pessoal. Condicionada pelas demandas do meio e também pelos traços de caráter do indivíduo, a profissão determina o status na comunidade, os papéis sociais e os padrões de vida.

Se a personalidade influi na escolha de uma profissão, as profissões influem consideravelmente nas pessoas que as exercem. Muitos traços de personalidade, maneiras de comportarem-se, valores morais e sociais, atitudes, opiniões e crenças podem ser criados ou modificados no exercício de uma ocupação.

Neste aspecto, em nossa sociedade, as influências que uma pessoa exerce sobre a personalidade, reforçando os traços subjacentes ou modificando-os, tornam-a um ponto de referência fundamental para o rumo que seguirá a personalidade na continuação do seu desenvolvimento, naturalmente é mais importante para o homem e para a mulher que permanecer solteira, pois a pessoa que se casa tende a continuar o seu desenvolvimento fundido sua personalidade com a do marido, sendo também seu, o caminho que ele seguir.

É muito importante a resolução dos conflitos vocacionais e dos fatores ambientais que possa originar-se nesta fase, para que assim, a pessoa possa conseguir um bom ajustamento profissional. O desajustamento pode ser atribuído ao conflito vocacional mal solucionado na adolescência.

É muito comum jovens adultos passando por crises profissionais que muitas vezes se confundem com crises de identidade tardias. O indivíduo supunha-se realizado como pessoa e de repente por um suceder de frustrações descobre que havia tomado um caminho falso. Porém, se ele não assumiu uma falsa identidade, no sentido global da personalidade e o problema apenas diz respeito à ocupação, terá relativamente, maior facilidade para mudar.

Outra responsabilidade que o adulto deve enfrentar nesta fase do desenvolvimento é definida por D'Andrea (2006) como sendo o casamento e o ajustamento sexual.

Para ele, a decisão de casar-se é um dos passos mais importantes que os jovens devem dar no decorrer de toda a sua vida. Casar-se representa uma mudança de status e papéis sociais, uma renúncia ao descompromisso da vida de solteiro, uma recanalização dos afetos e uma responsabilidade sexual e social para com um companheiro com o qual se compartilhará todas as importantes decisões futuras. Nem sempre os jovens que se casam estão plenamente conscientes destes aspectos, principalmente a mulher que tende a firmar sua identidade na união com um homem. Ofuscada pelas perspectivas de liberdade sexual ou de prestígio social, deixa de levar em conta o risco de não cristalizar a sua identidade, se a escolha não for adequada.

Desta maneira, o casamento, inevitavelmente, provocará mudanças na personalidade dos cônjuges.

O alcance de uma situação ideal não depende só das sanções sociais, mas também do reconhecimento, às vezes tardio, de que homens e mulheres nem sempre buscam, em proporções iguais, os mesmos objetivos e que deveriam ter-se conhecido melhor e assumido compromissos para a satisfação dos desejos de um para com o outro.

Não só discrepâncias entre traços de personalidade são causa de desajustamentos conjugais. Diferenças acentuadas entre hábitos, costume e tradições adquiridos pelos indivíduos nos seus grupos de origem e diferenças étnicas ou de classe social, também podem ser fontes de problemas no casamento.

O noivado é uma ótima oportunidade para se colocar os “pingos nos is”. Não muito curto nem excessivamente longo, é a ocasião oportuna para que haja entre os noivos uma exploração mútua da personalidade.

O casamento, que deveria ser o prêmio para um desenvolvimento satisfatório no qual o indivíduo, tendo superado os conflitos básicos de cada fase, estaria apto para intimidade com uma pessoa com a qual construiria os anos futuros de sua vida, constitui-se, em muitos casos, num castigo ou numa inadequada compensação para problemas não resolvidos da vida pregressa. O casamento mal sucedido tende a reforçar os conflitos e os aspectos negativos da personalidade de cada um e a incentivar os sentimentos de isolamento que, mascarados ou não, refletem-se em todas as suas participações sociais. O bem sucedido, porém, promove uma reorganização de certos aspectos da personalidade e esta reorganização influenciará positivamente na cristalização da maturidade.

Do mesmo modo que a profissão escolhida ajuda a desenvolver traços pessoais e a mudar valores, o casamento cria condições de aspectos menos desejáveis de cada um.

Assim o casal bem sucedido, isto é, aquele que conseguiu vencer as barreiras pessoais e interpessoais e alcançou um grau razoável de ajustamento nas várias esferas da vida em comum; aquele em que esposo e esposa puderam integrar suas identidades sem perder a individualidade e que assim conservam um adequado juízo crítico um em relação ao outro; aquele que é capaz de dividir funções ou papéis que dinamicamente se completam, está apto para assumir as responsabilidades da paternidade.

Assim, para D'Andrea (2006), ao tornarem-se pais, marido e mulher assumem novos e importantes papéis que vão influenciar profundamente sua orientação frente ao futuro.

O nascimento de um filho normalmente tende a reforçar os vínculos conjugais e a definir mais solidamente o status do casal. Obviamente não basta adaptar-se à nova situação. Há que criar o filho e diante da realidade dos vários anos que serão necessários para o cumprimento desta tarefa, podem evidenciar-se as fixações, regressões e conflitos encobertos pela expectativa da paternidade.

Um casal em que um ou ambos os cônjuges não conseguem superar tais conflitos não terão condições emocionais para uma amadurecida realização da paternidade. Por isso tornam-se mais dependentes de influências externas e os conflitos conjugais e familiares terão maiores oportunidades de ocorrer, com indubitáveis prejuízos para a criança.

Não se pretende que os pais sejam perfeitos e nunca errem nas suas atitudes para com os filhos. O que se pretende é que o casal tenha maturidade suficiente para reconhecer e discriminar suas falhas de conduta possibilitando um contínuo aprimoramento nas relações com os filhos.

De modo geral, as mais importantes influências que os filhos exercem sobre os pais relacionam-se à auto-estima. Para alguns pais, o crescimento e o sucesso dos filhos representam a satisfação de antigos ideais e a superação de sentimentos de inferioridade.

Não é preciso dizer que o maior bem-estar é transmitido pelos pais quando eles se sentem satisfeitos em suas próprias necessidades. Ao dedicarem-se exclusivamente aos filhos, além de privá-los de uma relação de independência futura, deixam de lado sua própria pessoa, o resultado pode ser um mal disfarçado, demonstração de cansaço e infelicidade.

A maturidade, sem dúvida, representa uma importante fase do desenvolvimento humano que o indivíduo passa a vivenciar, tanto no que se refere às agregações adquiridas quanto dos conflitos delas resultantes.

Tais conflitos podem desencadear sérios agravos na vida pessoal do sujeito. Neste estudo, em especial, daremos ênfase ao abandono que o sujeito faz de seu lar, indo refugiar-se nas ruas.

MORADOR DE RUA

“Quem são essas pessoas que procuram por sobrevivência aos olhos de todos, percorrendo as veias da cidade, construindo espaços reais num mundo ilusório?”. Eichenberg (*online*, 2008, sp).

Quando se comenta sobre morador de rua muitas pessoas parecem não entender sobre o assunto ou quando defronte com esta realidade acabam esquivando-se totalmente dela.

Alvarez (et al., *online*, 2008, p. 50) afirma que:

A sociedade está doente, cindida, e não há perspectiva de cura próxima. Os meios de comunicação brasileiros exibem a todo o momento - ao vivo e em cores, em tempo real - a dinâmica doentia desse corpo social esfacelado. Esses retratos dinâmicos são oferecidos nos jornais nacionais televisivos como parte dos jantares de cidadãos que olham tudo atônito e respiram aliviados quando o foco da emissora passa para cenas mais amenas.

Varanda e Adorno (*online*, 2008, p. 58/59) buscando situar as identidades que se constroem entre a população de rua, destacam as nomeações pelas quais os moradores de rua se identificam, mesmo que estas reproduzam os enquadres institucionais que lhes são impostos, como morador de rua, ou termos que se referem às práticas voltadas para grupos específicos. É bastante comum, entre aqueles que dormem nas ruas, o uso do termo “maloqueiro”. Quem usa albergues são identificados simplesmente como usuário de albergue ou albergado. “Trecheiro” também é bastante usado entre os moradores de rua; o termo é oriundo dos trabalhadores que transitam de uma cidade para outra a procura de trabalho.

Para os autores, o enquadre institucional na área dos serviços de saúde tem interferido nas categorizações da população. Essas divisões e identidades refletem também a internalização culpabilizante da fala institucional. Os usuários de álcool são chamados de “bêbados”, bebuns, alcoólatras. Há também o uso de outras drogas na rua, como a maconha, o crack e a cocaína. Os usuários de outras drogas são chamados de “nóia”. Os que usam crack são chamados de “pedreiros”. A situação também é mais complexa à medida que se observa a construção de várias categorias, a partir de funções, estudos acadêmicos ou de seu uso a partir da própria incorporação, via social. Quem cata papel, latinha e cobre na rua, por exemplo, são os catadores – trabalhadores que vivem na rua –, reconhecidos legalmente por essa ocupação profissional. Grande parte deles se considera morador de rua, mas muitos, que têm o seu núcleo familiar constituído, estão vinculados a associações ou cooperativas e nunca estiveram na situação de dependência direta de serviços públicos assistenciais, morando nas ruas.

Para Escorel (1999 apud VARANDA; ADORNO, *online*, 2008, p. 61):

A exclusão social é um “processo no qual – no limite – os indivíduos são reduzidos à condição de *animal laborans*, cuja única atividade é a sua preservação biológica, e na qual estão impossibilitados de exercício pleno das potencialidades da condição humana.

Com o aumento da população o número de lixo produzido pela sociedade se torna cada vez maior. E, é na rua, muitas vezes, “no meio ao lixo” que os moradores de rua vão residir.

O lixo de consumo da sociedade torna-se fonte principal de sobrevivência. Assim, por exemplo, um pedaço de plástico torna-se um teto, um pedaço de jornal transforma-se em cobertor, um papelão em parede.

Para Mizoguchi (et al., *online*, 2008, p. 40) é justamente no sumidouro da rua que o morador de rua se encontra. É onde o cidadão comum se perde que ele encontra seu lar, seus pares, seus nichos. É nesse tempo e nesse espaço que ele se faz sujeito, que ele se identifica: é no fluído que ele estanca e se faz pessoa.

Justo (1998 apud PERES, *online*, 2008, p. 67) afirma que:

Nos dias de hoje, a chamada “globalização” provoca mudanças sociais, econômicas e políticas que levam cada vez mais a um rompimento com os espaços sociais fechados, a um desenraizamento que exige grande mobilidade psicológica a fim de permitir uma rápida reorientação de identificações, comportamentos, sentimentos e relacionamentos. Esse mundo em constante transformação reacende os movimentos de andança humana, protagonizados por indivíduos que rompem com a acomodação, motivados pelo desejo de encontrar um lugar melhor.

Para Vieira (et al., 1994 apud ALVAREZ et al., *online*, 2008, p. 50) muitos dos moradores de rua, os caídos pertencentes a esse segmento social de excluídos, perderam-se de si mesmos. Junto às perdas de endereços, certidões de nascimento, carteiras de identidades - símbolos de cidadania - entrecruzam-se as perdas de esperança, do sentido da vida, da vontade de viver. Enquanto alguns se afogam na bebida alcoólica ou nas drogas, amortecedoras da dolorosa agonia da falência psicossocial, outros, reagindo violentos, lançam-se ao crime, inserindo-se através dessa forma escusa nos processos sociais. É quando, paradoxalmente, adquirem um status de bandido que nessa hora recobram o endereço e a identidade do prontuário policial.

Segundo Peres (*online*, 2008, 68/69) o que leva a pessoa a se refugiar de tal maneira nas ruas, é entendido e denominado por ele como sendo uma “errância”. A errância gera uma revisão e alteração de crenças, valores, representações mentais e esquemas de sobrevivência construídos em função da adaptação a uma realidade relativamente estável dada pela fixação do sujeito a um determinado lugar. A ruptura com os referenciais que dão estabilidade e segurança a uma pessoa, como a família, o trabalho, os amigos, assim como o rompimento com a rede social e a impossibilidade de se estabelecer qualquer espécie de vínculo duradouro faz com que a errância do andarilho seja uma das mais intensas possíveis.

Para se compreender a errância em seus diversos aspectos é preciso, segundo autor, que se atente para a intrincada multifatorialidade característica desse complexo fenômeno. Faz-se necessário um exame de cada um dos fatores que podem atuar como motivadores da ruptura com as malhas da rede social e que se procure estabelecer as correlações e articulações entre os mesmos.

Desta forma, Peres afirma que a economia globalizada do mundo capitalista contemporâneo leva, em última instância, à precarização das relações de trabalho e ao desemprego, gerando o aumento da vulnerabilidade social, a desfiliação, a segregação, a pobreza e a exclusão social. A falta de um emprego e a decorrente ausência de reconhecimento social causa experiências de sofrimento, associadas à segregação e à exclusão, de tal maneira que a vida pessoal desses indivíduos entra em crise, o que levam muitos deles a se agregarem aos que vagam pelas ruas, sem teto e sem vínculos sociais estáveis.

Peres acredita ainda, que os conflitos e desavenças familiares, tanto com os pais no núcleo familiar originário, quanto com a esposa e filhos, são fatores preponderantes para a ruptura do sujeito com o nicho social no qual está inserido. A ausência de uma constelação familiar continente, os desentendimentos com os genitores e os conflitos afetivos decorrentes de relacionamentos amorosos que tiveram um final desestruturante em virtude de traições e/ou infidelidade conjugal são acontecimentos perturbadores que, atuando em conjunto com outras motivações igualmente intensas, podem levar um sujeito a romper com as malhas da rede social.

Para finalizar, o autor afirma que, de qualquer modo, abandonar os referenciais sociais que norteiam a vida no mundo atual e as fixações sociais, geográficas e afetivas é uma atitude drástica, tendo em vista as dificuldades que são instaladas com a errância. Por isso acredita-se, segundo ele, que nenhum evento isolado, por mais desestruturante que seja, leva, por si só, uma pessoa à condição de nômade errante. Tudo indica que, na maioria absoluta dos casos, há uma interação dos diversos fatores que concorrem para a deserção.

Esta realidade atinge, de modo geral, todo país e cabe o poder público junto com os municípios criar medidas de apóio e inserção destes moradores de rua.

Uns dos exemplos dessas medidas são desenvolvidos pela Prefeitura Municipal de Maringá-PR junto com a SASC “Secretaria de Assistência Social e Cidadania” que implantou o “Serviço de Atendimento à População de Rua”. O serviço vem sendo oferecido pelo SASC deste o ano de 2002. Inicialmente, a equipe de abordagem integrava a então denominada Política de Inclusão de Grupos Sociais em Risco. O serviço sofreu várias modificações, e a partir de 2004, tendo como base às novas orientações da Política Nacional de Assistência Social, passou a compor o eixo das Políticas de Proteção Especial.

Deste modo, tem como missão, a construção de ações que venham de encontro à proposta da Política Nacional de Assistência Social no que refere às pessoas em situações de risco. Portanto, abordar e intervir no espaço público ou privado por onde circula a população de rua pressupõe um trabalho de campo, atendimento técnico, orientações sócio-educativa, benefícios emergenciais e encaminhamentos para serviços da rede.

O serviço realizado em Maringá presta atendimento aos moradores de rua da própria cidade, entretanto pelas características do público-alvo, estendem-se também a usuários de outras regiões.

Um exemplo deste serviço pode ser ilustrado nos números de atendimento realizado pelo SASC no 4º bimestre de 2008 correspondendo aos meses de julho e agosto. Foram atendidas 583 pessoas. Desses atendimentos realizados apenas 13 foram crianças de 0 a 13 anos. Adolescentes de 14 a 17 anos somaram-se apenas 02 atendimentos. Jovens de 18 a 29 anos corresponderam a um total de 197 atendimentos. Os atendimentos realizados com adultos (30 a 59 anos) somaram-se o maior número de dados, num total de 345 atendimentos. Já atendimento a idosos (acima de 60 anos) corresponderam 26 atendimentos.

São ações de atendimento e inserções como estas que ajudam à população de rua a se orientar e a se inserirem novamente na sociedade.

REFLEXÕES

Para entender melhor um dos motivos que possam levar uma pessoa ao completo abandono de seu lar, foi necessário conhecer um pouco da realidade vivenciada por um morador de rua. Por meio das observações realizadas e de uma breve revisão bibliográfica foi possível levantar hipóteses sobre as possíveis causas deste abandono.

Assim as observações proporcionaram um contato mais direto com o sujeito observado. Foi possível compreender por meio delas, por exemplo, o quanto a sociedade estigmatiza e negligência o morador de rua. A exemplo disto, pode ser observado - durante as observações -, que a maioria das pessoas que transitavam próximo ao morador de rua mudavam a direção do olhar, demonstrando possivelmente ignorá-lo.

Como demonstrou Alvarez (et al., *online*, 2008, p. 50) os meios de comunicação mostram a todo momento cenas que retratam o morador de rua. Os cidadãos ao se depararem com tais cenas demonstram um olhar espantado e respiram aliviados quando o foco da emissora passa para cenas mais amenas.

Conforme os comportamentos registrados, as observações, de modo geral, despertaram no observador um certo “espanto” pela naturalidade e comodismo em que o morador de rua se comportava na maioria das vezes. Em um dos relatos pode-se notar que o sujeito demonstrava-se estar aparentemente tranqüilo com a situação, até pelo modo em que se apresentava: “sentado com as pernas esticadas e sobrepostas uma sobre a outra”. É como se nada o preocupasse ou temesse.

Um outro fator interessante foi o círculo de supostas amigas que o morador de rua mantinha, antes percebido como um sujeito sozinho, isolado do seu contexto, torna-se comum em algumas observações relatá-lo conversando com outras pessoas em situação igual à dele.

Como retratado por Mizoguchi (et al., *online*, 2008, p. 40) é justamente na rua que o morador de rua se encontra. É onde o cidadão comum se perde que ele encontra seu lar, seus pares, seus nichos. É nesse tempo e nesse espaço que ele se faz sujeito, que ele se identifica: é no fluído que ele estanca e se faz pessoa.

As condições precárias de vida que se encontravam o morador de rua também foram observadas. Algumas sacolas, pedaços de papelão, roupas velhas desbotadas e condições escassas de higiene configuravam seu contexto.

Escorel (1999 apud VARANDA; ADORNO, *online*, 2008, p. 61) ao retratar a situação do morador de rua diz que a fuga social é um processo no qual os indivíduos são reduzidos à condição de animal, cujo único objetivo é a sobrevivência, e na qual estão impossibilitados de exercício pleno das potencialidades humanas.

Em outras situações foi possível observá-lo ingerindo supostamente bebidas alcoólicas e cigarros, que segundo Vieira (et al., 1994 apud ALVAREZ et al., *online*, 2008, p. 50) afirma que muitos dos moradores de rua perderam-se de si mesmos e que junto às perdas de endereços, carteiras de identidades, entrecruzam-se as perdas de esperança, do sentido da vida, da vontade de viver. Enquanto alguns se afogam na bebida alcoólica ou nas drogas,

amortecedoras da dolorosa agonia da falência psicossocial, outros, reagindo violentos, lançam-se ao crime, inserindo-se através dessa forma escusa nos processos sociais.

Entender a faixa etária do sujeito observado proporcionou compreender quais são as expectativas e demandas sociais que se esperam dela. E assim, num segundo momento, esclarecer quais as relações que ela faz com a temática morador de rua.

Pelos aspectos físicos o sujeito observado tinha por volta de 34 anos de idade o que o enquadra, segundo D'Andrea (2006) na fase da maturidade.

Como foi visto, a maturidade é uma das fases do desenvolvimento humano que o sujeito passa a agregar várias responsabilidades. A profissão, o casamento e a paternidade podem ser vistos como exemplos destas responsabilidades.

É importante compreender que tais responsabilidades podem gerar sérios conflitos à vida do sujeito, quando não vivenciadas de modo adequado e somar-se com uma das eventuais causas de desagregação familiar e levar o indivíduo a refugiar-se nas ruas. Por exemplo: uma profissão escolhida de forma insatisfatória, precipitada, fora das características pessoais do sujeito ou de um casamento iniciado de forma desestruturada/conflituosa ou até mesmo quando o fruto desta união resulta numa paternidade desequilibrada.

Pode-se correlacionar a isso, o que é denominado por Peres (*online*, 2008, 68/69), como sendo uma errância. Para ele a errância gera uma mudança nos pensamentos de modo que a ruptura com os referenciais que dão estabilidade e segurança a uma pessoa, como a família, o trabalho, os amigos, assim como o rompimento com a rede social e a impossibilidade de se estabelecer qualquer espécie de vínculo duradouro, faz com que a errância do andarilho seja uma das mais intensas possíveis. Ele acredita, ainda, que nenhum evento isolado, por mais desestruturante que seja, leva, por si só, uma pessoa à condição de nômade errante.

De modo geral, não se sabe ao certo afirmar quais foram os motivos que realmente motivaram o morador de rua observado a cometer tal ato, mas pode-se inferir que quais sejam esses motivos, eles estão, de alguma forma, entrelaçados como sendo desencadeados por vários conflitos.

Através das observações realizadas e de uma breve revisão bibliográfica sobre o assunto abordado, pode-se levantar algumas hipóteses para a problemática vivenciada pelo morador de rua. Foi possível compreender que as expectativas e demandas decorrentes da maturidade podem desencadear vários fatores que podem contribuir para a exclusão do sujeito com os vínculos sociais.

Para tanto, não só a teoria se fez presente, mas junto a ela somou-se a prática da observação, proporcionando entender uma realidade tão presente e ao mesmo tempo tão esquecida e incompreendida por muitos.

Desta forma o trabalho propiciou uma mudança na maneira de perceber o próximo, de buscar compreender o morador de rua não sobre olhares preconceituosos da sociedade, mas sim de tornar o invisível em visível aos olhos de todos.

REFERÊNCIAS

1. ALVAREZ, A.; ALVARENGA, A.; FIEDLER-FERRARA, N. O encontro transformador em moradores de rua na cidade de São Paulo. **Psicologia & Sociedade**, v.16, n.3, p.47-56. Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v16n3/a07v16n3.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2008.
2. D'ANDREA, F.F. **Desenvolvimento da personalidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.
3. DANNA, M.F.; MATOS, M.A. **Ensinando observação**. 4ª ed. São Paulo: Edicon, 1999.
4. EICHEMBERG, A.T. **Moradores de rua - paredes imaginárias, corpo criativo**. Disponível em: < a romper com as malhas da rede social <http://www.rizoma.net/interna.php?id=176&secao=anarquitextura>>. Acesso em: 24 out. 2008.
5. HISTÓRICO/RELATÓRIO DE ATIVIDADES GOVERNAMENTAL-Bimestre: 4º. Maringá-PR: Secretaria Municipal de Assistência Social e Cidadania (Serviço de Atendimento à População de Rua), 2008.

6. MARCONI, M.A.; LAKATOS, E.M. **Fundamentos de metodologia científica**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2005- 2006.
7. MIZOGUCHI, D.H.; COSTA, L.A.; MADEIRA, M.L. Sujeitos no sumidouro: a experiência de criação e resistência do Jornal Boca de Rua. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. 1, p. 38-44. Porto Alegre, 2007. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v19n1/a06v19n1.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2008.
8. PERES, R.S. Andarilhos de estrada: estudo das motivações e da vivência das injunções características da errância. **Psico-USF**, v. 6, n. 1, p. 67-75. Itatiba, Jun. 2001. Disponível em: < <http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/psicousf/v6n1/v6n1a09.pdf>>. Acesso em: 24 out. 2008.
9. VARANDA, W.; ADORNO, R. Descartáveis urbanos: discutindo a complexidade da população de rua e o desafio para políticas de Saúde. **Saúde e Sociedade**, v.13, n.1, p.56-69. São Paulo, 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v13n1/07.pdf>>. Acesso em 24 out. 2008.